

## Estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira

*Fagner Carniel, UEM (Brasil)*

*Meire Mathias, UEM (Brasil)*

*Adonai José Lacruz, Ifes e UFES (Brasil)*

### Resumo

Qual seria o lugar dos estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira? Em que medida a circulação contemporânea de perspectivas teóricas que questionam ontologias coloniais e reivindicam renovação crítica para o pensamento latino-americano estaria influenciando o desenvolvimento de novas agendas de pesquisa no país? Por meio de um mapeamento de 246 artigos que abordaram o “decolonial”, entre os anos de 2009 e 2018, procuramos compreender os diferentes usos que a categoria adquiriu em pesquisas publicadas em língua portuguesa. Desse modo, realizamos análises bibliométricas e discursivas com a intenção de apresentar um quadro atualizado dos principais temas, autores e bibliografias que estão sendo mobilizadas propostos por pesquisadores brasileiros em periódicos registrados nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*. Os resultados dessa investigação sugerem que o decolonial é uma categoria plural e em construção no Brasil, simultaneamente analítica e política, que se organiza em torno do campo disciplinar das ciências sociais, mas que já impacta a produção do conhecimento em outras áreas.

**Palavras-chave:** Estudos Decoloniais, Pensamento Social Latino-Americano, Ciências Sociais, Intelectuais, Bibliometria.

### Apresentação

Estudos que promovam o mapeamento da recepção, do impacto e da circulação de perspectivas teóricas nos mais variados campos da produção do conhecimento, de fato, não representam nenhuma novidade na atividade científica brasileira. Áreas tão diversas quando a Administração (e.g. Lacruz, Américo, Carniel, 2017), as Ciências Sociais (e.g. Campos, Feres Júnior, Guarnieri, 2017), a Educação Especial (e.g. Hayashi, Gonçalves, 2018), os Estudos Organizacionais (e.g. Carniel, Américo, 2018), a Psicologia (e.g. Fradkin, 2017), para mencionar apenas alguns exemplos recentes de publicações nacionais com este caráter, já se acostumaram a realizar balanços provisórios dos efeitos gerados pela emergência, adensamento ou hegemonia de certas ideias em redes localizadas de trabalho intelectual. Essas formas de descrever e de analisar as maneiras pelas quais o trabalho

acadêmico se organiza, adquire coerência, credibilidade e materialidade, equivalem a tentativas de oferecer sentidos e significados à imensa quantidade publicações científicas geradas no país<sup>1</sup>.

Neste texto, procuramos oferecer um retrato panorâmico das publicações acadêmicas que se articularam em torno dos estudos decoloniais durante a última década. Para tanto, realizamos uma análise das ocorrências, das distribuições e dos conteúdos de pesquisas desenvolvidas por intelectuais brasileiros e indexadas nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* – os maiores bancos de dados de publicações revisadas por pares que incluem revistas científicas, livros e anais de congressos<sup>2</sup>. Assim, entre os anos de 2009 e 2018, foram identificados 246 registros únicos de publicações identificadas com os estudos decoloniais. A opção por estudar tais produções, em detrimento de palestras, vídeos, materiais didáticos, programas curriculares, teses, dissertações ou outras expressões da atividade científica, está relacionada com a centralidade que estes artefatos adquiriram na avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil. Através desse conjunto de textos, a expectativa é oferecer uma cartografia possível de redes dinâmicas de trabalho que promovem não apenas a tradução de perspectivas decoloniais para o contexto nacional, mas também participam ativamente da sua reconstrução enquanto campos emergentes de interesses e de disputas pela postulação de determinadas interpretações do social.

Desse modo, procuramos modelar nossa base de dados utilizando ferramentas bibliométricas de investigação da produção do conhecimento que possibilitassem percorrer o território intelectual, social e conceitual dos estudos decoloniais no Brasil. Assumimos enquanto princípios analíticos para organizar esse conjunto de textos marcos temporais, espaciais e relacionais que nos permitiram delimitar quem, quando, onde e o que esteve sendo produzido enquanto conhecimento científico no campo nacional dos estudos decoloniais. Tais estratégias investigativas revelaram-se úteis para a compreensão da

---

<sup>1</sup> No Brasil, conforme informações oferecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atualmente cerca de 95% das pesquisas desenvolvidas são produzidas pelas universidades públicas, sobretudo nos programas de pós-graduação. Segundo o relatório desenvolvido pelo instituto *Clarivate Analytics* (Cross, Thomson, Sibalair, 2018), esse volume de produções representou apenas entre os anos de 2011 e 2016 um total de 250.680 mil artigos. Desse total, apenas a área de ciências sociais contribuiu com 11.555 mil artigos. Nesse sentido, encontrar maneiras de interpretar esse volume gigantesco de informações nos parece constituir, tanto para a pesquisa quanto para a formação, um dos principais desafios heurísticos de nossa época.

<sup>2</sup> Para seleção dos documentos, verificamos o uso dos termos “decolonial” ou “decolonais” no título ou nas palavras-chave do autor ou nas *keywords plus* ou no resumo dos documentos, sem delimitação temporal ou de língua. Em seguida, como critério de corte, a pesquisa foi refinada, filtrando-se os resultados para opção de “países/regiões” igual a “Brazil”. Para o processamento dos dados foi utilizado o pacote *bibliometrix* (Aria, Cuccurullo, 2017) para o *software R* (R core team, 2019).

estrutura de um campo intelectual ainda em formação no país. Por meio delas, pretendemos oferecer um retrato geral do volume e da historicidade das publicações, bem como dos vínculos intelectuais e institucionais estabelecidos pelos diversos atores envolvidos na construção de conhecimentos identificados com as perspectivas decoloniais. Para tanto, examinaremos o modo pelo qual a literatura científica brasileira pôde mobilizar certas comunidades acadêmicas em torno do decolonial a partir da criação de redes de trabalho intelectual, da interconexão de áreas e objetos de conhecimento e da fabricação de tradições teóricas em comum.

A intenção não é a de realizar uma arqueologia dos estudos decoloniais para debater os “regimes discursivos” (Foucault, 2002) que os sustentam na vida acadêmica brasileira. Nem mesmo definir, a partir desta investigação, o que poderia ou não ser classificado enquanto uma perspectiva decolonial. Sabemos que a tentativa de desestabilizar a construção eurocentrada de conhecimentos implica também na suspensão e na crítica das estruturas modernas e coloniais que organizam a atividade científica. Nossa ambição neste trabalho é mais modesta. Pretendemos tão somente cartografar os territórios intelectuais a partir dos quais certas comunidades acadêmicas puderam se estabelecer e identificar os principais nós que organizam os vínculos entre instituições, pesquisadores e tradições teóricas. Neste caso, a noção de redes de trabalho especializado se revelou mais apropriada do que a de grupos; entre outras coisas porque ela confere maior flexibilidade e materialidade para a análise proposta. Afinal, ao localizar as teias de relações traçadas por aquelas publicações, fomos capazes refletir sobre os seus impactos potenciais na vida universitária e sobre aquilo que estão inscrevendo enquanto saberes decoloniais. Dessa maneira, começamos a revirar as páginas dos textos que reunimos neste artigo em busca de respostas para as seguintes perguntas de pesquisas: qual seria o lugar do decolonial na produção acadêmica brasileira e de que forma a circulação contemporânea de tais estudos estaria influenciando o desenvolvimento de novas agendas de pesquisa no país?

### **O decolonial em números: redes, atores e referenciais**

Tão logo iniciamos a análise das 246 publicações acadêmicas que localizamos nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, foi surpreendente constatar a aparição relativamente tardia e controversa do primeiro artigo relacionado aos estudos decoloniais no Brasil. Datado de janeiro de 2009 e veiculado pelo periódico *Theory, Culture & Society*, o texto redigido por José Maurício Domingues (2009, p. 112) propôs uma leitura crítica de “recent social, cultural and political developments in Latin America, with special reference

to the 'modernity/coloniality' project, as well as offering an alternative sociological interpretation of the contemporary subcontinent". Como se sabe, tal campo de produção do conhecimento surgiu na América Latina durante década de 1990 (Ballestrin, 2013) e as primeiras traduções de obras sobre o tema para a língua portuguesa foram lançadas ainda na virada do século XXI (e.g. Sousa, 1999; Casanova, 2002; Feres Júnior, 2005; Lander, 2005). Nesse caso, as reflexões de Domingues parecem ter representado uma espécie de marco simbólico da lenta e polêmica recepção daquilo que seria chamado de uma "virada decolonial" no universo acadêmico brasileiro.

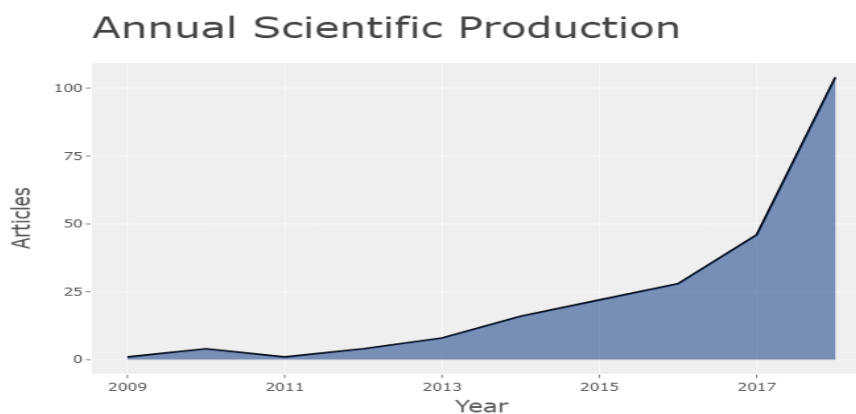
Professor no Instituto de Estudos Econômicos, Políticos e Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) e autor de diversas obras sobre modernização e desenvolvimento no pensamento social brasileiro, Domingues realizou em seu artigo uma apresentação bastante "ácida" das ideias de Walter Mignolo. Considerado por ele "as the main expression of that 'post/decolonial' project", as perspectivas teóricas de Mignolo foram introduzidas no debate acadêmico brasileiro através das lentes de Domingues (2009, p. 112-113) na qualidade de um "interpretive effort that reflects actual social changes but offers misguided theoretical and political perspectives". Desse modo, Domingues (2009, p. 129) concluiu sua argumentação sugerindo que "Latin American sociology must come to grips with general theorizations, beyond mere description, case studies and a loosely defined 'critical' stance". Mesmo que o impacto dessa análise precise ser relativizado, sobretudo se considerarmos os limites de sua repercussão em áreas distantes da sociologia, talvez ela simbolize algo importante sobre o modo pelo qual a intelectualidade brasileira percebia as potenciais contribuições da crítica decolonial sobre si mesma até aquele período.

Nos anos seguintes, entre 2010 e 2012, nove publicações sobre o tema apareceram em nossa base de dados, pluralizando e complexificando o lugar desses estudos na cena nacional. Algumas delas procuraram situar o decolonial enquanto um tipo de "pensamento de fronteira", mais ou menos capaz de desestabilizar ontologias coloniais tão estabelecidas quanto a "sociologia europeia" (e.g. Rodríguez, Boatcă, Costa, 2010) ou o "imperialismo cultural" (e.g. Ribeiro, 2011). Outras já sinalizavam o desenho preliminar de certas redes de produção do conhecimento, a exemplo daquela que seria criada em torno da parceria entre o pesquisador mexicano Eduardo Ibarra-Colado e os pesquisadores Alexandre Faria e Ana Lúcia Guedes da Escola Brasileira de Administração e Negócios da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV) (e.g. Faria, Ibarra-Colado, Guedes, 2010). Em que pese o caráter exploratório que pode ser atribuído a esses trabalhos, é interessante notar como a circulação dos estudos decoloniais entre nós começou a se organizar em torno do debate

a respeito da legitimidade e do rendimento heurístico dessas “novas” teorizações latino americanas na interpretação do país.

A partir de 2013, contudo, esse quadro se alteraria substancialmente e a “novidade” teórica trazida pelo decolonial parece ter adquirido credibilidade suficiente para se estabelecer enquanto um campo emergente de produção do conhecimento. Provavelmente tal mudança no valor desses estudos está relacionada com aspectos mais sutis e cotidianos da vida intelectual – tais como, a incorporação de certas obras em programas de estudo, a valorização de instituições de pesquisa e de pesquisadores latino americanos, o tráfico de determinados conceitos e objetos em campos específicos de investigação disciplinar, ou mesmo o engajamento com projetos, movimentos ou coletivos que demandariam interpretações renovadas a respeito de tudo o que ocorreu no Brasil após as jornadas de junho de 2013. De qualquer modo, foi a partir daquele momento que as movimentações que envolveram a incorporação de uma perspectiva crítica a respeito da colonialidade pôde adquirir materialidade e densidade. Como é possível observar na Figura 1, o volume de publicações identificadas com a produção do conhecimento decolonial cresceu exponencialmente no período.

Figura 1 – Produção científica sobre estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como indicam os dados coletados nesta pesquisa, talvez ainda seja cedo para avaliarmos a extensão e a força do crescimento dos estudos decoloniais na vida acadêmica brasileira. Porém, entre os anos de 2009 e 2018 já é possível visualizar o desenho de campos multidisciplinares de produção de conhecimentos especializados sobre o tema que, em um curto intervalo de tempo, impactariam tradições disciplinares tão diversas quando as Ciências Exatas, as Humanidades, a Saúde e as Sociais Aplicadas. Nesse período, foram publicados 231 artigos e 15 livros (ou capítulos) apenas nas bases de dados

analisadas; cuja produção intelectual reuniu 365 pesquisadores e envolveu 154 periódicos e 97 instituições de ensino superior ou programas de pós-graduação dentro e fora do país. Trata-se, sem dúvida, de um conjunto amplo de produções intelectuais que sinaliza a existência de diferentes focos de interesse e de rotinização dessas ideias e teorias que hoje parecem começar a se adensar em torno de uma poderosa crítica latino-americana das epistemologias e tradições de pesquisa coloniais. Na Tabela 1 procuramos apresentar uma fotografia panorâmica da produtividade e do impacto de alguns autores que mais contribuíram para o crescimento dessa perspectiva no país e procuramos situá-los em relação as respectivas instituições a que estiveram vinculados.

Tabela 1 – Autores relacionados aos estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)

<b>Autor</b>	<b>IES</b>	<b>Publicações</b>	<b>H-Index</b>
Alexandre de Almeida Faria	EBAPE/FGV	10	4
Claudia Junqueira de Lima Costa	UFSC	5	3
Marcelo Carvalho Rosa	UnB	6	2
Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley	Unigranrio	3	2
Rafael Alcadipani	EAESP/FGV	2	2
Sérgio Costa	FU Berlim	2	2
Ana Lucia Malheiros Guedes	EBAPE/FGV	2	2
Gustavo Lins Ribeiro	UnB	2	2
Luciana Maria de Aragão Ballestrin	UFPeI	3	1
Roberta Gondim de Oliveira	Fiocruz	4	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os principais nomes que cooperaram para esta “virada decolonial” no pensamento social brasileiro, conforme procuramos demonstrar através da Tabela 1, está o de Alexandre Faria – especialista nas áreas de estratégia e marketing e *critical management studies*. Autor de 10 artigos no período analisado, ele é um dos agentes centrais em uma rede de trabalho na administração que conectou 13 pesquisadores e 8 instituições de ensino superior em torno da EBAPE/FGV. Professor e diretor da escola desde 2004, Faria também se tornaria nos anos seguintes coordenador do *International Masters in Practicing Management* na FGV e professor visitante em diversas outras instituições de pós-graduação em administração nos Estados Unidos e na Inglaterra. Sua produção intelectual relacionada com os estudos decoloniais inicia-se em 2010 e impactaria diretamente ao menos outras 206 pesquisas até julho de 2019, de acordo com o *Google Scholar*. Em linhas gerais, a produção de Faria sobre o tema dialoga com as perspectivas de seu colega, Eduardo Ibarra-Colado (2006, p. 479), para quem o decolonial oferece aos

estudos organizacionais um novo projeto ao inaugurar a possibilidade de “abandoning the safe space where ‘practices of falsification of knowledge of the centre’ reside, and to risk ‘thinking as other’ in order to appreciate those submerged realities that have been hidden for so long by the narratives of modernity”.

Além desta comunidade acadêmica que se formou na administração brasileira em interlocução direta como os estudos decoloniais, outros trabalhos também parecem ter estruturado tal campo nacional, tendo em vista seu impacto relativo na produção de novas pesquisas. Estamos nos referindo, em particular, aos artigos de Luciana Ballestrin (2013), na Revista Brasileira de Ciência Política, e de Marcelo Rosa (2014), no periódico *Current Sociology*, que acumularam 406 e 67 citações no *Google Scholar* até junho de 2019. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e editora da RESuLACP, Ballestrin (2013, p. 89) apresenta em seu texto “a constituição, a trajetória e o pensamento do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)”, que define como “a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de ‘giro decolonial’”. De modo semelhante, o artigo de Rosa (2014, p. 2), professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade do Brasil (UnB), discute “the ways in which the South has been brought to the core of the theoretical debates within the social sciences”. Assim, esses ensaios bibliográficos, e outros do mesmo tipo, parecem ter cumprido o papel de atualizar, sistematizar e reintroduzir algumas das teorias sociais que reivindicam renovação crítica para o pensamento latino-americano, oferecendo caminhos analíticos para o desenvolvimento de agendas de pesquisa interessadas em desestabilizar ontologias colonialistas e reivindicar outros *locus* de enunciação do social.

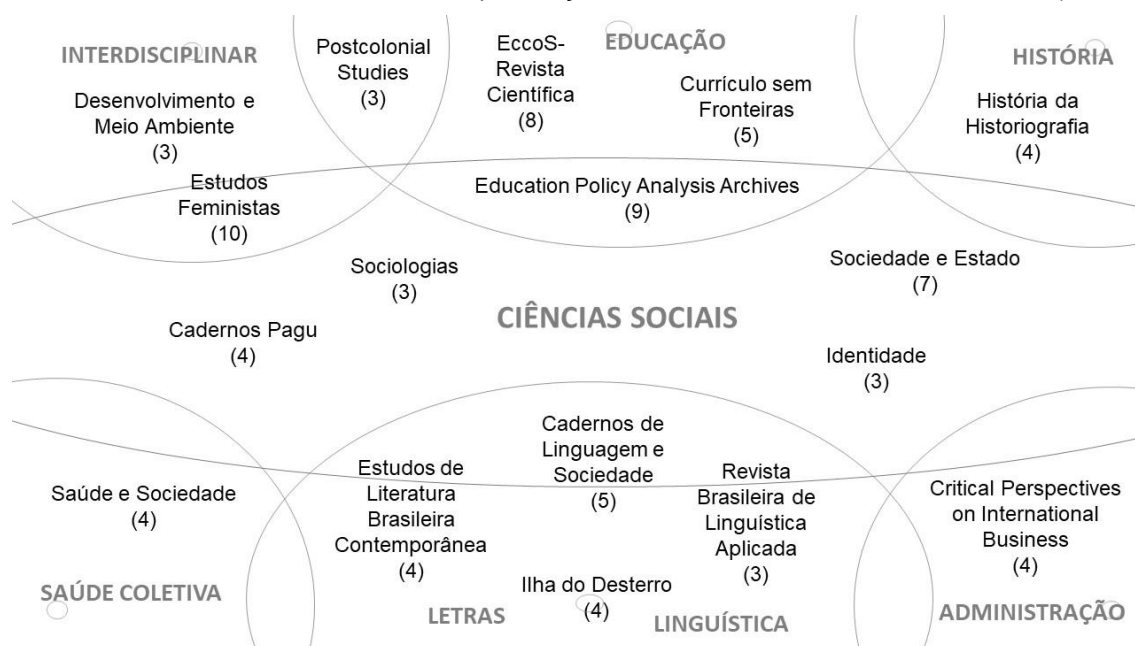
Ainda que se possa constatar, por meio do banco de dados analisado, a relevância de determinadas instituições, autores e textos na organização do campo discursivo dos estudos decoloniais no Brasil, nos parece relevante ressaltar o modo pelo qual esta perspectiva pôde disseminar-se por múltiplas áreas do conhecimento. O que nos levou a um exame mais detalhado dos principais periódicos que veicularam tais trabalhos. Isso porque partimos da hipótese de que eles estariam disseminando aquilo que seria reconhecido enquanto uma perspectiva decolonial crível segundo os critérios hegemônicos de validação do conhecimento científico no país. Aplicando a lei de Bradford<sup>3</sup>, chegamos a

---

<sup>3</sup> A lei de Bradford estabelece que ao ordenar de forma decrescente de produtividade de artigos de determinado assunto nos periódicos possibilita estabelecer *clusters* divididos de forma que o número de periódicos em cada *cluster* será proporcional a  $1: n: n^2$ . Assim, a lei de Bradford pressupõe que após a publicação de alguns artigos sobre um novo tema de um campo científico em alguns periódicos, esses mesmos periódicos irão polarizar artigos sobre este novo tema durante um tempo e, paralelamente, outros periódicos iniciarão a publicação dos primeiros artigos sobre esse mesmo tema. Caso

17 periódicos e os situamos em áreas do conhecimento a partir da própria maneira pela qual se apresentam. Responsáveis por um terço dos documentos indexados pelas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* no período, tais periódicos funcionam como fontes por meio das quais outros autores entram em contato com certas publicações, dialogam criticamente com elas e tendem a enviar as suas próprias. Desse modo, conseguimos estabelecer um núcleo de fontes que se revelou produtivo para a compreensão da recepção e da circulação dos estudos decoloniais em áreas particulares do conhecimento.

Figura 2 – Periódicos com maior volume de publicações sobre estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 2 optamos por agrupar os periódicos analisados em sete áreas do conhecimento habitualmente utilizadas pelas Capes para classificar e avaliar o conhecimento científico produzido no país a partir de conjuntos de objetos e de práticas de pesquisa semelhantes. Por meio do número de artigos relacionados com os estudos decoloniais disponível em cada periódico, foi possível observar não apenas a relevância das ciências sociais enquanto campo discursivo privilegiado na interlocução com os estudos decoloniais, como também sua concentração em áreas que não figuraram nas análises iniciais que realizamos, como as de educação, letras e linguística. A intensão não é avaliar quais áreas ou atores estariam impulsionando a produção de estudos decoloniais

haja a consolidação deste novo tema, então surgirá um núcleo gravitacional de periódicos que mais publicaram sobre o tema.



no Brasil com mais rigor ou produtividade, mas demonstrar como houve um processo de rotinização de objetos, ideias e perspectivas, ao mesmo tempo em que cada campo fabricou seus próprios diálogos para configurar agendas de pesquisa particulares *com e a partir* das teorias decoloniais. Na próxima sessão iremos mergulhar nessas publicações com o objetivo de revelar os repertórios teóricos e as agendas específicas de pesquisa construídas através dos campos discursivos que identificamos em nossa base de dados. A expectativa, portanto, é a de apresentar a conformação recente dos estudos decoloniais enquanto um projeto plural, multidisciplinar e em disputa no país.

### **Virando a página: emergência de uma categoria político-analítica**

Como temos percebido desde as universidades brasileiras, as atuais políticas de financiamento e de avaliação da atividade científica que se pautam globalmente por indicadores bibliométricos têm se convertido em dispositivos de classificação e controle que tendem a reproduzir desigualdades há muito estabelecidas nos meios acadêmicos. As desigualdades se expressam pelos ranqueamentos universitários, mas também no perfil dos periódicos, que ainda hoje constituem um dos principais indicadores de qualidade na produção intelectual. Denunciar o caráter arbitrário, capacitista, capitalista, colonial, racista e sexista desses índices é certamente uma tarefa decolonial (Grosfoguel, 2016). Paradoxalmente, também é exatamente por conta dessa pressão exercida pelos padrões de eficiência científica impostos aos pesquisadores que querem ver seus trabalhos publicados em que revistas de qualidade reconhecida em sua área de atuação que vale a pena observar com atenção a produção por eles veiculada. Nesses periódicos, nos parece estar sendo disputado um jogo estratégico de adequação às normas, estilos e tradições estabelecidas através de sistemas euro-estadunidenses de produção científica e, simultaneamente, de subversão dessas convenções a partir da introdução de outros objetos, outros problemas e novas perspectivas intelectuais.

Ao analisar os artigos publicados nos 17 periódicos com maior volume de publicações relacionadas aos estudos decoloniais no Brasil que identificamos nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, começamos a visualizar a conformação de um repertório teórico comum. O que sugere a estabilização de diálogos intelectuais que podem estar favorecendo a configuração de um campo discursivo próprio e relativamente autônomo. Nesse sentido, talvez seja factível assumir que nomes de intelectuais latino americanos como os de Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Santiago Castro-Gomes, entre tantos outros,

mais do que homogeneizar as perspectivas teóricas que organizam a produção decolonial do conhecimento na academia brasileira, estão se tornando pontos de passagem obrigatórios para quem deseja se aventurar por este campo do saber. Ou seja, suas obras estabelecem categorias, ajudam a formular problemas e propõe hipóteses por intermédio das quais outros estudos são desenvolvidos. Na tabela 2 listamos os autores mais referenciados pelas publicações sobre estudos decoloniais no país, indicando o número total de citações.

Tabela 2 – Autores mais referenciados pelas publicações sobre estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)

<b>Autores referenciados</b>	<b>Nº de citações</b>
Walter Mignolo	274
Aníbal Quijano	190
Catherine Walsh	123
Ramón Grosfoguel	102
Enrique Dussel	87
Arturo Escobar	65
Santiago Castro-Gomez	65
Michel Foucault	60
Judith Butler	58
Gayatri Spivak	56
Paulo Freire	51
Luciana Maria de Aragão Ballestrin	50
Maria Lugones	49
Nelson Maldonado-Torres	48
Frantz Fanon	42

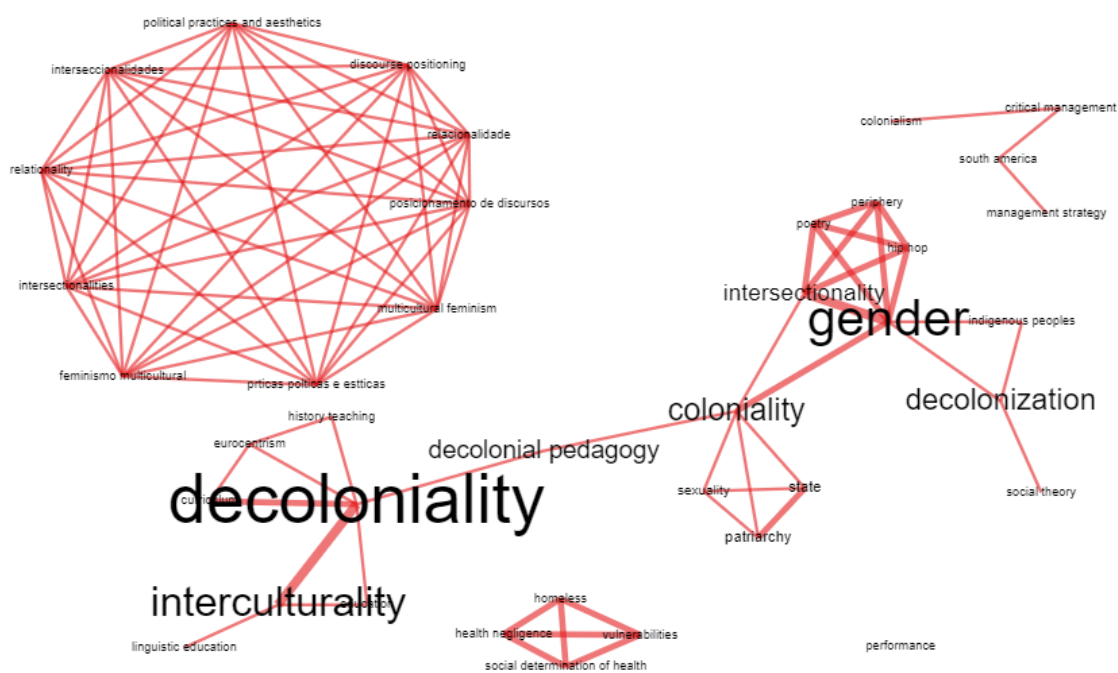
Fonte: Elaborado pelos autores.

Em meio a este amplo repertório de autores e ideias, que articula perspectivas decoloniais com outras tradições também críticas ao universo colonial-moderno – como as teorias feministas, os pós-marxismos, os pós-estruturalismos, os pós-modernismos e os pós-colonialismos (Restrepo e Rojas, 2010) –, identificamos a recorrência de determinadas obras e categorias teóricas na produção acadêmica brasileira. Entre as referências mais utilizadas em nossa base de dados, observamos a sistemática menção a três textos em particular: *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking* (Mignolo, 2000), *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* (Quijano, 2003) e *The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options* (Mignolo, 2011). Tal centralidade destes escritos coincidiu com o impacto significativo que geraram na produção acadêmica internacional – segundo o *Google Scholar*, eles foram mobilizados, respectivamente, por 4.967, 4.713 e 1.834 outros textos até junho de 2019.

Em que pesem as diferenças em suas abordagens, pode-se dizer que a “opção decolonial” inscrita nas obras de Walter D. Mignolo e Anibal Quijano enfatiza a consciência da “diferença colonial”, efeito da colonização da América Latina e do Caribe pela Espanha e Portugal entre os séculos XVI e XIX, e a necessidade social, política e intelectual de destruir ou desligar-se da “colonialidade do poder” euro-norteamericano para construir projetos autônomos de emancipação da vida no continente. Nesse sentido, a crítica decolonial proposta pelos autores denuncia a continuidade histórica das relações de opressão que se expressam violentamente através de noções colonialistas de classe, gênero e raça. Assim, questionam os cânones históricos e epistemológicos que estruturaram o sistema-mundo moderno-colonial para abrir espaço à outras geopolíticas (ou corpo-políticas) do saber. Trata-se, nos termos de Mignolo (2012, p. 29), de epistemes fronteiriças que emergem da “exterioridade estruturada pela modernidade/colonialidade quando esta última se constituiu como interioridade”. Por meio desse lócus de enunciação fraturado pelas “feridas” coloniais – que se inscrevem nos corpos, experiências, memórias, trajetórias e subjetividades dos povos no continente – a aposta decolonial parece se concentrar na “desobediência”; ou melhor, nas possibilidades políticas, intelectuais e pedagógicas de se desaprender para reaprender a própria história de lutas e de resistências que a colonialidade nos legou.

Diante do audacioso projeto de denúncia, contestação e recriação do pensamento social latino americano proposto pelos estudos decoloniais, optamos por direcionar nossa investigação para a procura pelas agendas de pesquisa que surgiram com força no Brasil ao longo da última década. Para isso, selecionamos as palavras-chave que comunicam os conteúdos gerais dos documentos, os localizam em determinados campos ou subcampos especializados de produção do conhecimento científico e auxiliam a sua indexação em bases de dados e sistemas de busca. Evidentemente, tais termos não abarcam a complexidade dos temas, objetos e perspectivas que configuram as pesquisas que dialogam com o decolonial. Contudo, associados aos títulos e resumos, tais termos nos parecem expressar e sintetizar a “face pública” dos textos veiculados, de modo que possamos perguntar: quais são as expressões que mais têm contribuído para agregar e identificar o campo dos estudos decoloniais no Brasil? Na Figura 3 apresentamos as principais redes de coocorrência formadas pelas palavras-chave que indexaram os 83 artigos publicados nos 17 periódicos que selecionamos através da Lei de Bradford (Figura 2) – alcançando, assim, cerca de um terço dessas publicações entre os anos de 2009 e 2018.

Figura 3 – Rede de coocorrência de palavras-chave nas publicações sobre estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)<sup>4</sup>



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em cada uma das redes que compõe a Figura 3, os vértices representam as palavras-chave que foram utilizadas ao menos por dois artigos diferentes, o tamanho das palavras refere-se ao número de ocorrências que elas obtiveram, as arestas indicam as relações de coocorrência e a sua espessura é proporcional à intensidade de coocorrências. Por meio desta análise foi possível perceber que os estudos decoloniais estão se configurando no Brasil em torno do que talvez possamos chamar de 4 subcampos discursivos. Esses subcampos estão associados ao campo mais geral dos estudos decoloniais na produção acadêmica nacional, mas parecem manter certa autonomia entre si. Um deles, que reúne o maior número de palavras-chave associadas e distribui-se ao longo da figura, organiza-se em torno das categorias *coloniality*, *decoloniality*, *decolonial pedagogy*, *gender* e *interculturality*. Estas categorias articulam uma ampla variedade de abordagens, objetos e temáticas que estiveram sendo privilegiadas pela maior parte das investigações que estiveram sendo realizadas ao longo da última década, tais como: *curriculum*, *decolonization*, *education*, *eurocentrism*, *higher education*, *hip hop*, *history*

<sup>4</sup> Para favorecer a compreensão da Figura 3, disponibilizamos uma versão online que possibilita a visualização das redes de coocorrência formadas a partir da interação com cada uma das 34 palavras-chave identificadas. A figura pode ser acessada no através deste link: <https://doi.org/10.7910/DVN/NHKKE2>

*teaching, indigenous intersectionality, people, linguistic education, management tools, patriarchy, periphery, poetry, social participation, social theory, sexuality e state.*

Esse subcampo agrega estudos que dialogam fortemente com teorias sociais, políticas e pedagógicas latino americanas, enfocando tanto a necessidade de contestação e desconstrução dos essencialismos e assimetrias que estruturam os projetos modernos quanto as capacidades de re-aprendizagem e de re-existência dos sujeitos colonizados. Nos artigos considerados, os estudos decoloniais são enquadrados ora como uma perspectiva heurística com uma tradição autônoma (e.g. Ballestrin, 2013), ora como uma variação dos estudos pós-coloniais (e.g. Costa, 2014) ou das teorias do sul (e.g. Rosa, 2014). A articulação entre tais escritos, nesse sentido, ocorre através das diferentes tentativas de se desenvolver pedagogias decoloniais que, como observam Catherine Walsh, Luiz Fernandes de Oliveira, Vera Maria Candau (2018, p. 5), levem a sério a experiência de “sujeitos subalternizados pela colonialidade, como povos indígenas e afrodescendentes, quilombolas, diversidades de sexo-gênero e outros marcadores das diferenças contrapostas às lógicas educativas hegemônicas”. Assim, propõe a interlocução “com experiências críticas e políticas enraizadas nas lutas e práxis dos colonizados pela modernidade”.

Um subcampo relativamente denso, mas aparentemente desconectado do anterior em relação às associações acadêmicas estabelecidas entre os artigos analisados, aparece na parte superior da margem esquerda da Figura 3 a partir da agregação praticamente simétrica entre as expressões: *multicultural feminism, interseccionalities, relationality, discourse positioning, political practices and aesthetics*. Através desta rede pode-se observar a configuração de feminismos decoloniais que abordam, por meio de perspectivas relacionais, variadas condições, práticas, linguagens, traduções, negociações e intersecções implicadas nas experiências de sujeitos ou de coletivos que vivenciam as violências e desigualdades de gênero. A exemplo do que afirma Claudia de Lima Costa (2016, p. 48), “Latin American feminist theories, especially those articulated by subaltern/racialized subjects, operate within an epistemological referent that is distinct from the analytic models of critique historically based on dichotomies”. De acordo com a autora, “They are, in very creative ways, enabling alternative possibilities that go beyond those offered by feminist postcolonial theories”.

Outros dois subcampos, com baixa densidade, também podem ser localizados na base inferior e na parte superior da margem direita da Figura 3. O primeiro deles se organiza em torno dos termos: *health negligence, homeless, social determination of health e*

*vulnerabilities*. Nesta rede, os estudos decoloniais são acionados enquanto um “aporte” teórico, entre outros, que permite a análise de saberes, políticas e práticas de saúde pública em meio as situações de extrema precariedade social que se estabeleceram no Sul global. Para Roberta Godim Oliveira (2018, p. 39), tal abordagem favorece um tipo de compreensão da “vulnerabilização de vidas humanas, que se expressam em diversas matizes de desigualdades, localizando-a como historicamente ancorada na matriz da colonialidade moderna” – o que impõe para as políticas públicas e modelos de governança sanitária, conforme a autora, a análise dos processos que forjam “diferenciações e invisibilidades de territórios, de sujeitos e de formas de estar no mundo”. Desse modo, as relações entre saúde, racismo, vulnerabilidade e colonialismo propostas por este conjunto de escritos parecem correlacionar os estudos decoloniais com uma agenda de pesquisas própria ao campo da saúde coletiva no país.

O segundo subcampo de baixa densidade e relativamente desarticulado dos demais reúne as palavras: *critical management*, *colonialism*, *management strategy* e *South America*. Nele a abordagem decolonial emerge enquanto uma crítica radical daquilo que Márcio Moutinho Abdalla e Alexandre Faria (2017, p. 916) já chamaram de uma “cumplicidade” dos estudos em administração com o “expansionismo do capitalismo financeiro global” sobre os mais diversos setores da população. Segundo os autores, a opção decolonial sugere para estes estudos a “co-construção de uma agenda transcospopolita (...) no (e a partir do) Brasil, que promova conhecimentos e práticas (...) como alternativa à radicalização da pobreza e da desigualdade geoeconômica”. Nesse caso, o engajamento com a elaboração de respostas organizacionais aos problemas gerados por modelos colonialistas de desenvolvimento e de gestão parece sinalizar certa preocupação com as assimetrias acentuadas pela expansão da racionalidade econômica e de práticas neoliberais. Tal postura intelectual implica na análise crítica da própria posição ambivalente ocupada pelo Brasil no continente. Um país que historicamente sofre com as feridas abertas pela opressão colonial, mas continua desprezando e desarticulando projetos alternativos de autonomia e emancipação social nas relações com outros países do Sul global.

## Referências

ABDALLA, Márcio Moutinho; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cad. EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 914-929, Dec. 2017.

ARIA, M; CUCCURULLO, C. Bibliometrix: an R-tool for comprehensive science mapping analysis, **Journal of Informetrics**, v. 11, n 4, p. 959-975, 2017.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, Aug. 2013.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JUNIOR, João; GUARNIERI, Fernando. 50 Anos da Revista DADOS: Uma Análise Bibliométrica do seu Perfil Disciplinar e Temático. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 623-661, Sept. 2017.

CARNIEL, Fagner; AMERICO, Bruno Luiz. Rastreado os territórios da aprendizagem organizacional no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 47, p. 392-423, Apr. 2018.

CASANOVA, Pablo González. **Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes; Buenos Aires: Clacso, 2002.

COSTA, Claudia de Lima. Gender and Equivocation: Notes on Decolonial Feminist Translations. HARCOUT, W. (eds) **The Palgrave Handbook of Gender and Development**. London: Palgrave Macmillan, 2016.

COSTA, Sérgio. Social sciences and North-South-asymmetries: Towards a global sociology. In: BROECK, Sabine; JUNKER, Carsten (eds.). **Postcoloniality-Decoloniality-Black Critique: Joints and Fissures**. Frankfurt: Campus Verlag, 2014.

CROSS, Di; THOMSON, Simon; SIBCLAIR, Alexandra. **Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics**. Clarivate Analytics, 2018.

DOMINGUES, José Maurício. Global Modernization, 'Coloniality' and a Critical Sociology for Contemporary Latin America. **Theory, Culture & Society**, no. 1, v. 26, p. 112–33, Jan. 2009.

FARIA, Alex; IBARRA-COLADO, Eduardo; GUEDES, Ana Lúcia. Internationalization of management, neoliberalism and the Latin America challenge. **Critical Perspectives on International Business**, v. 6, n. 2/3, p. 97-115, 2010.

FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de América Latina nos Estados Unidos**. Bauru: Edusc, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRADKIN, Chris. The Internationalization of Psychology Journals in Brazil: A Bibliometric Examination Based on Four Indices. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 27, n. 66, p. 7-15, Apr. 2017.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Soc. estado.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Apr. 2016.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GONCALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha. Estudo Bibliométrico dos Balanços da Produção Científica em Educação Especial na Revista Brasileira de Educação Especial (1999-2017). **Rev. bras. educ. espec.**, Bauru, v. 24, n. spe, p. 135-152, 2018.

LACRUZ, Adonai José; AMERICO, Bruno Luiz; CARNIEL, Fagner. Teoria ator-rede em estudos organizacionais: análise da produção científica no Brasil. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 574-598, July 2017.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MIGNOLO, Walter. **Local histories/global designs**: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: University Press, 2000.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of western modernity**: Global futures, decolonial options. London: University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. Decolonizing Western Epistemology/Building Decolonial Epistemologies. In: ISASI-DÍAZ, Ada María; MENDIETA, Eduardo (Eds.). **Decolonizing Epistemologies**: Latina/o Theology and Philosophy. New York: Fordham University Press, 2012.

OLIVEIRA, Roberta Gondim. Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. **Saude soc.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 37-50, Jan. 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUSA, Edson (org.). **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre: Artes e fícios, 1999.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. Versão 3.5.3. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2019.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: Fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Why (post)colonialism and (de)coloniality are not enough: a postimperialist perspective. **Postcolonial Studies**, v. 14, n. 3, p. 285-297, Oct. 2011.

RODRÍGUEZ, Encarnación Gutiérrez; BOATCÃ, Manuela; COSTA, Sérgio (Orgs.). **Decolonizing European Sociology**: Transdisciplinary Approches. London: Ashgate Publishing LTD, 2010.



ROSA, Marcelo. Theories of the South: limits and perspectives of na emergente movement in social sciences. **Current Sociology**, v. 62, n. 6, p. 851-867, Feb. 2014.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, v. 26, n. 83, p. 1-12, Jun. 2018.

#### **Como citar este artigo**

CARNIEL, F.; MATHIAS, M.; LACRUZ, A. J. Estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira. In: Actas del Congreso Internacional ALAS, 32., 2019, Lima. *Anais...* Lima, Peru, ALAS, 2019.